

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 08/02/2021.

MARCOS PAULO RAMOS DOS SANTOS

FLOR DE OBSESSÕES:

a presença de Sartre nas primeiras “Confissões” de Nelson Rodrigues (1967-1968)

ASSIS

2019

MARCOS PAULO RAMOS DOS SANTOS

FLOR DE OBSESSÕES:

a presença de Sartre nas primeiras “Confissões” de Nelson Rodrigues (1967-1968)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Daniela Mantarro Callipo

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

ASSIS

2019

S237f Santos, Marcos Paulo Ramos
Flor de obsessões : a presença de Sartre nas primeiras
"Confissões" de Nelson Rodrigues (1967-1968) / Marcos
Paulo Ramos Santos. -- Assis, 2019
124 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Daniela Mantarro Callipo

1. Rodrigues, Nelson 1912 - 1980. 2. Crônicas
brasileiras. 3. Sartre, Jean Paul 1905 - 1980. 4.
Intertextualidade. 5. Engajamento. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: FLOR DE OBSESSÕES: A presença de Sartre nas primeiras "Confissões" de Nelson Rodrigues (1967-1968)

AUTOR: MARCOS PAULO RAMOS DOS SANTOS

ORIENTADORA: DANIELA MANTARRO CALLIPO



Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Profa. Dra. CARLA CAVALCANTI E SILVA
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Profa. Dra. CAMILA SOARES LÓPEZ
UFU / Uberlândia

Assis, 08 de fevereiro de 2019

SANTOS, Marcos Paulo Ramos. **Flor de obsessões: a presença de Sartre nas primeiras “Confissões” de Nelson Rodrigues (1967-1968)**. 2019. 124 f. Dissertação (mestrado acadêmico em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

Conhecido pela sua grande produção teatral, Nelson Rodrigues figura como um dos mais importantes dramaturgos brasileiros da modernidade. Peças como *Vestido de noiva* e *Álbum de família* possuem um lugar de destaque na produção teatral brasileira do século XX. Porém o Nelson Rodrigues cronista não é tão conhecido ou lido como o Nelson Rodrigues dramaturgo: ainda que suas crônicas estampassem influentes meios de comunicação impressa do Brasil – como os jornais *O Globo* e *Última Hora* – estas não recebem o atento olhar do público hoje, como sua produção teatral. Rodrigues escreveu e publicou incontáveis obras, dentre elas figuram contos, novelas, peças de teatro e, não menos importantes, crônicas jornalísticas. Os objetos de análise e crítica do cronista são, constantemente, a política - mais necessariamente aquela de esquerda - e a produção intelectual de sua época tanto a nacional quanto a internacional, momentos em que a figura de Jean-Paul Sartre surge com regularidade e constância. Conhecido no mundo como difusor da filosofia existencialista, Sartre é tido como um gênio pela camada intelectual e artística de sua época e, no Brasil, sobretudo na década de 1960, sua filosofia e pensamentos são propagados, pregados e tidos como exemplo de arte engajada e luta política, o que, de forma crítica e politicamente divergente, torna-se tema para a obra jornalístico-literária de Rodrigues. Logo, a presente dissertação tem como objetivos analisar as crônicas publicadas entre os anos de 1967 e 1968 para o jornal *O Globo* na coluna “As Confissões de Nelson Rodrigues” e compreender a constante presença do filósofo, dramaturgo e intelectual francês Jean-Paul Sartre – e de seus ideais relacionados à intelectualidade, à arte e à literatura – dentro do comentário crítico e irônico de Rodrigues.

Palavras-chave: Crônica; Literatura Comparada; Intertextualidade; Nelson Rodrigues; Jean-Paul Sartre.

SANTOS, Marcos Paulo Ramos. **Fleur d'obsessions: la présence de Sartre dans les premières chroniques de Nelson Rodrigues (1967-1968)**. 2019. 124 f. Mémoire (master en Lettres). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculté des Sciences et Lettres, Assis, 2019.

RÉSUMÉ

Connu grâce à sa grande production théâtrale, Nelson Rodrigues se consacre comme l'un des plus importants dramaturges brésiliens de la modernité. Ses pièces, comme *Vestido de Noiva* et *Álbum de Família*, occupent une place privilégiée dans la production théâtrale brésilienne du XXe siècle. Cependant, le chroniqueur Nelson Rodrigues n'est pas si connu ou lu comme le dramaturge Nelson Rodrigues: même si ses textes ont été publiés dans les médias les plus influents du Brésil – comme les journaux *O Globo* et *Última hora* – ses chroniques ne reçoivent pas le regard attentif du public d'aujourd'hui de la même façon que ses pièces théâtrales. Nelson Rodrigues a écrit et publié plusieurs oeuvres, parmi lesquelles on peut citer des contes, des nouvelles, des pièces de théâtre et des chroniques journalistiques. Les objets d'analyse et de critique du chroniqueur sont, régulièrement, la politique – spécifiquement celle de gauche – et la production artistique et intellectuelle de son époque, au niveau national et international, moments où Jean-Paul Sartre apparaît régulièrement. Connu mondialement comme le diffuseur de la philosophie existentialiste, Sartre est considéré comme un génie par la communauté intellectuelle et artistique de son époque et, au Brésil. Pendant les années 1960, sa philosophie et sa pensée sont préconisées, propagées et considérées comme des exemples de l'art engagé et de la lutte politique, une thématique qui est abordée, d'une façon critique et poliquement divergente, dans la production journalistique littéraire de Rodrigues. Donc, le but de ce mémoire de Master c'est l'analyse des chroniques de Nelson Rodrigues, publiées entre les années 1967 et 1968 dans le journal *O Globo* dans la rubrique "As Confissões de Nelson Rodrigues", et en particulier la compréhension de la constante présence du philosophe et intellectuel français, Jean-Paul Sartre et de ses idéaux à propos de l'intellectualité, de l'art et de la littérature dans le commentaire critique et ironique de Rodrigues.

Mots-clés: Chronique; Littérature Comparée; Intertextualité; Nelson Rodrigues; Jean-Paul Sartre.

SANTOS, Marcos Paulo Ramos. **Flower of obsessions: the presence of Sartre in Nelson Rodrigues' first chronicles (1967-1968)**. 2019. 124 f. Dissertation (Masters in Language). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

Well-known for his great theatrical production, Nelson Rodrigues owns a prominent place among the most important playwright of Brazil's modernity. Plays as such *Vestido de noiva* and *Álbum de família* own a special place in Brazilian theatrical production from the XX Century. However, Nelson Rodrigues, the chronicler isn't as read as Nelson Rodrigues, the playwright: although his chronicles were printed on some of the most important Brazilian news papers – as such *O Globo* and *A Última Hora* – they still don't get an attentive look from the public as his theatrical production. Rodrigues has written and published countless works, among them, there are short-stories, novels, plays and, last but not least, journalistic chronicles. His chronicles' subjects of analysis are, constantly, politics – more specifically the Left Wing – and the intellectual production of his time, nationally and internationally. And from those moments of analysis emerges, with regularity and constancy, Jean-Paul Sartre. Well-known all over the world as the biggest diffuser of Existentialism, Sartre were recognized as a genius by the intellectuality of his time and, in Brazil, more specifically on the the sixties, his philosophy were spread and taken as an example engaged art and political struggle, subjects that, in a critical and politically divergent way, become themes to Nelson Rodrigues' journalistic and literary work. Therefore, this dissertation has as its objectives analyzing the chronicles published between 1967 and 1968 on *O Globo* for the column “As Confissões de Nelson Rodrigues” and understanding the presence of Jean-Paul Sartre – and his ideals about intellectuality, art and literature – in Rodrigues' ironic and critical commentary.

Key-words: Chronicle; Comparative Literature; Intertextuality; Nelson Rodrigues; Jean-Paul Sartre.

a quem esteve

a quem ainda está

a quem, vivo, ajudou-me a continuar

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é resultado de um trabalho que, embora solitário, foi construído a várias mãos e cabeças. Não seria possível algo a ser lido, se não houvesse essa gama de pessoas ao meu lado, física e simbolicamente, incentivando-me a continuar e a manter-me acordado.

Os agradecimentos que seguem são apenas uma porcentagem do imenso sentimento de gratidão resultante destes últimos anos de altos e baixos, despedidas e vindas e apoio incondicional destas pessoas. A essas, devo meus sinceros agradecimentos.

A minha mentora, orientadora e amiga, Dra. Daniela Mantarro Callipo, por ter me guiado neste caminho acadêmico que me amedronta(va), por ter sido uma voz que ensina e conforta, despertando em mim a vontade de continuar escrevendo. Por ter lido meus textos, ouvido minhas dúvidas e angústias, mas principalmente, por ter acreditado em mim, em momentos em que eu não o conseguia. Obrigado pela sua confiança.

À Dra. Carla Cavalcanti e Silva pelos conselhos e sua riquíssima e pontual arguição durante o Exame de Qualificação e Defesa, pelo seu apoio e compreensão como pessoa acadêmica e ser humano.

À Dra. Camila Soares López pela atenciosa e pontual arguição durante a Defesa desta dissertação, bem como pelo carinho e profissionalismo com os quais tratou meu trabalho.

Ao Dr. Álvaro Santos Simões Jr., pelo aprendizado que obtive em sua disciplina sobre literatura e imprensa periódica e pelos conselhos e contrapontos durante o Exame de Qualificação.

À Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pela formação de qualidade proporcionada, bem como à Biblioteca “Acácio José Santa Rosa pelo acesso ao conhecimento concedido.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Logo, agradeço à instituição pelo apoio e fomento.

Aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação que sempre me atenderam com eficiência, respeito e atenção.

Ao Dr. Jean-François Louette pela orientação, acolhimento e oportunidade, bem como ao departamento de Literatura Comparada da Faculté de Lettres de Universidade Paris-Sorbonne pelo espaço concedido e pelo repertório bibliográfico proporcionado durante meu estágio de pesquisa.

A minha mãe, Luciana, pela presença, ainda que intermitente nestes últimos anos, e por ter me ensinado a não abrir mão tão facilmente daquilo que lutei para conseguir. Obrigado pelas suas preces, pelo seu amor, sempre incondicional, e sua fé, sempre maior que a minha.

A minha família, de longe e de perto, por sentirem orgulho de mim, mesmo quando eu não enxergava o motivo. Aos meus irmãos e meu pai, pelas preces, presença e conselhos.

Ao Miguel, companheiro de vida desde antes do início desta empreitada, pelas noites sem dormir, pelos choros e pelos momentos em que me ensinou e incentivou a continuar. Pela sua companhia, paciência e amor.

À Patrícia, ao Carlos, à Edmarcia e ao Miqueias, meus amigos e companheiros que, mesmo após a “diáspora” pós-universidade, cultivaram nossas amizades e se mantiveram comigo, ajudando-me a passar por cada etapa deste e de outros desafios.

Àqueles a quem dedico o presente trabalho.

“Apesar de tudo que há de negativo no mundo atual, as excelências nos rodeiam e até nos perseguem. Se a vida é cara, não falta o “barato”, o “tremendo barato”, o “jóia”, para compensar, pela contínua criação ou recriação verbal, o que não é nada disso. Viva a palavra! Ela não define apenas o objeto ou a sensação. Ela transforma, ela cria, ela venta e colore a vida:

- Chuchu-Beleza! ”

“Excelências”, *De notícias e não notícias faz-se a crônica*, Carlos Drummond de Andrade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 BOTÂNICA: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO	18
1.1. (Rês-de) chão.....	19
1.1.1. Aclimação: do folhetim à crônica brasileira	22
1.1.2. Crônica e imprensa: solo fértil	28
1.2. Semente híbrida: discurso e literariedade.....	31
1.2.1. Gêneros dentro do gênero.....	34
1.3. O fruto e a flor: a crônica e(m) Nelson.....	39
1.3.1. Literariedade, ironia e tempo.....	43
2 O FILÓSOFO E A FLOR: AÇÕES E REAÇÕES	56
2.1. Transferências culturais: o intelectual mediador no Brasil	57
2.2. Diálogos e práticas de intertextualidade: Rodrigues pós-Sartre	64
2.3. Sobre comunidades temáticas: “é o assunto que leva o cronista”	73
3 FLOR DE OBSESSÕES	78
3.1. Intelectualidade e Burguesia ou “por que o povo não entende as esquerdas?”	79
3.2. Intelectualidade e engajamento ou “os tais poetas sem uma metáfora”	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120

Introdução

Como jornalista, literato e observador da sociedade na qual se via inserido, Nelson Rodrigues não podia ter iniciado sua coluna em mais propícia época, no que se refere à crônica. Momento que, para Ruy Castro (1995) pode ser considerado um dos mais profícuos da obra jornalístico-literária rodrigueana. A esse respeito, o biógrafo do autor, ao organizar a edição da antologia *A cabra vadia*, escreve:

Poucos anos neste século foram tão extraordinários quanto 1968 - e, no Brasil, nenhum escritor foi mais atento a ele do que Nelson Rodrigues. Enquanto os jovens tomavam as ruas gritando “Muerte!” e decapitando marias antonietas imaginárias, Nelson a tudo assistia dos seus pontos de observação: as sacadas das avenidas, os bares dos intelectuais, os saraus dos grã-finos. Depois, na redação, comentava o que vira, em crônicas de implacável lucidez. (CASTRO, 1995, c.c).

As manifestações culturais dessa época refletiam o espírito de intensa contestação dos padrões sociais, de uma geração de jovens que buscava a liberdade através de ideais políticos e revolucionários. Esses anos foram marcantes em termos de mobilização social e cultural, conforme ressaltam Luiz Antônio Groppo (2000), Antônio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte (1990).

A música, a literatura, o cinema e os movimentos sociais no Brasil foram atingidos por este clima efervescente de mudança e luta por uma cultura nacional e pela liberdade em diversos âmbitos. A década de 1960 foi ponto de convergência de movimentos marcantes, como a revolução sexual, a ascensão de ideias relacionadas ao socialismo e ao comunismo no Brasil e no mundo, a guerra do Vietnã, as revoluções estudantis, a luta por uma reforma agrária e, não menos importante, a ascensão dos militares ao governo, através do Golpe de 1964.

Este é um momento em que, para os artistas e intelectuais, a arte deveria ser popular e revolucionária, tratar das questões relativas ao povo e também conscientizá-lo da sua condição de classe revolucionária.

Ora através de menções apáticas, ora de ululantes obsessões, os assuntos de seu momento histórico e cultural não escapavam à pena analítica, crítica e irônica de Nelson. Entretanto, o cronista vai na contramão deste movimento de liberdade e engajamento: sua pena desmistifica a figura do jovem e condena de forma dura a arte chamada “engajada”. Em um contexto ditatorial, tal pensamento não foi recebido de forma agradável pela massa intelectual do país, que lhe deu, então, a alcunha de reacionário; epíteto, mais tarde, adotado com orgulho pelo próprio autor.

Os temas centrais são diversos em suas crônicas, como é de característica do gênero; entretanto, há uma corrente temática que as liga. Os objetos do cronista são, de forma constante, a política, mais necessariamente a de esquerda, e a produção intelectual de sua época. Rodrigues critica, de forma incisiva, os artistas que, segundo ele, nada produziam senão política, não apenas no contexto brasileiro, mas também no internacional, sobretudo o contexto francês, o que pode ser observado na crônica de 24 de maio de 1968, intitulada, na antologia *A cabra vadia*, “Festas de cabeças cortadas”, em que a Revolução Cultural de maio de 1968 chega a ser chamada de “obra de idiotas” por Rodrigues. Ainda nessa corrente temática, os jovens tornam-se alvos de críticas em suas crônicas, tanto no Brasil como na França. A revolução cultural francesa e a causa esquerdista passam a ser metáforas para a ação do jovem que, segundo o cronista, é de forma errônea colocado em posição privilegiada e deificada pelos intelectuais.

No que diz respeito à corrente temática, Rodrigues é, em suas crônicas, uma “Flor de obsessão”, alcunha dada a ele pelo amigo Cláudio de Melo e Souza, que caracteriza a obsessão analítica em relação a um assunto específico, aparecendo de forma constante e recorrente em suas crônicas. É por isso que são encontradas, repetidamente, determinadas figuras, personalidades e temas em sua produção jornalístico-literária. É o caso do tratamento dado à juventude, à arte chamada “engajada” e à causa esquerdista no Brasil e no mundo, bem como da constante presença de Jean-Paul Sartre em suas “Confissões”.

Conhecido como idealizador da filosofia existencialista, Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) foi, e ainda é considerado uma das maiores mentes do último século. O filósofo parisiense conquistou toda uma geração de europeus que ainda vivia em situação de “pós-guerra” no continente. Sartre, neste momento, encontra solo fértil para o desenvolvimento dessa espécie de “doutrina de liberdade”, tornando sua filosofia conhecida e discutida por toda uma massa intelectual ao redor do mundo.

O acervo de Sartre se constitui de um gigantesco leque, onde figuram contos, romances, ensaios, conferências e peças teatrais. Trata-se de gêneros e textos diversos, porém sempre dotados de algo que os interliga: a tarefa de levar o leitor a pensar sobre sua existência e liberdade, tarefa que, segundo o autor de *O ser o nada*, não deveria ser exclusiva de sua obra, mas da Literatura como um todo. O filósofo e autor de *As palavras* defende que a arte, sobretudo a literatura, deveria servir como instrumento de liberdade, “[...] o movimento, pelo qual, a cada instante, o homem se liberta da história” (SARTRE, 2004, p. 82).

Sendo assim, quem pratica e faz Literatura teria de ser aquele que conhece e considera o poder da palavra – falada ou escrita – como ação; logo, sabe que sua palavra age de modo a desvendar o mundo. Para Sartre, só se deve falar para desvendar, tornando-se “aquele que

abandonou o sonho impossível de criar uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana” (Sartre 2004, p. 20-21).

Os ideais de Sartre sobre o engajamento da Literatura e teatro populares repercutiram, em larga medida, na intelectualidade brasileira (ALMEIDA, 2009). E sua visita, entre 13 de agosto e 1º de novembro de 1960, aborreu a crença em uma possível revolução socialista aos moldes de Cuba, por parte da esquerda e provocou a efervescência destes ideais na comunidade intelectual e artística no Brasil.

A visita de Sartre ao Brasil faz parte das obsessões do autor de *A falecida*: a presença de Sartre possui constância, sendo o filósofo existencialista, por vezes, o próprio tema de alguns de seus textos, tendo seu nome diretamente mencionado em pelo menos dezessete de suas primeiras “confissões”¹. Entretanto, a presença de Sartre em “As Confissões de Nelson Rodrigues” também se dá a partir da alusão a temas relacionados à ideologia sartriana, bem como em relação aos temas do intelectual e da arte engajada.

Tendo, então, em vista as relações de suas crônicas com a linguagem, a literatura, o tempo, sociedade e temática do engajamento, este trabalho é o resultado, sob a luz da Literatura Comparada e dos Estudos Intertextuais, da análise das crônicas produzidas e publicadas entre os anos de 1967 e 1968, para o jornal *O Globo*², visando compreender e justificar a presença constante do filósofo, escritor e dramaturgo francês Jean-Paul Sartre.

Para confrontar os dois autores, é necessário recorrer aos princípios da Literatura Comparada, para a qual uma das melhores definições seria aquela de Tânia Carvalhal. Segundo a autora, esta área de conhecimento “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2006, p.6). Sandra Nitrini a conceitua como “o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo” (NITRINI, 2000, p. 24). Segundo Machado e Pageaux, a Literatura Comparada trata de relacionar:

muito mais frequentemente, [...] duas ou mais literaturas; ou, restritamente, dois autores, dois textos, duas culturas de que dependem esses autores e esses textos. E trata-se também, obviamente, de justificar de maneira sistemática essa relação estabelecida. (MACHADO e PAGEAUX, 1998, p. 17)

¹ Denominam-se “Primeiras confissões” aquelas crônicas publicadas entre 1967 e de 1968, dentre as quais, duas seleções foram feitas e publicadas nas antologias *O óbvio ululante*: as primeiras confissões e *A cabra vadia*: novas confissões, antologias que determinaram o recorte temporal de onde foi retirado o corpus de análise elencado para a realização desta dissertação.

² O jornal *O Globo*, periódico fundado em 1925 por Irineu Marinho, abriu espaço para a participação de Nelson Rodrigues nos finais da década de 1960. E, em seu especial de 80 anos, caracteriza “As Confissões”, juntamente com a seção “Carta do Leitor”, “um espaço aberto para a manifestação da opinião pública” (O GLOBO, 2005).

Até o momento, não se encontram muitas pesquisas nas quais o objeto de estudos seja essa fatia da produção cultural de Nelson Rodrigues: em sua maioria, os estudos e trabalhos sobre as obras do autor têm como foco sua produção enquanto dramaturgo e, quando possuem como tema a produção jornalístico-literária rodrigueana, suas crônicas futebolísticas ganham protagonismo.

Como exemplo de trabalhos acadêmicos com a temática de Rodrigues enquanto cronista, temos o estudo de José Carlos Marques intitulado *O futebol em Nelson Rodrigues* (2000). Este é o resultado de uma pesquisa que analisou mais de trezentas crônicas do autor, objetivando explicar a inserção do cronista no contexto esportivo brasileiro por meio de suas publicações e a evolução do texto jornalístico através da literariedade de suas narrativas de futebol. Por sua vez, Seleste Michels da Rosa, em sua dissertação *Nelson Rodrigues: O revolucionário reacionário* (2008), contrasta os aspectos distintos entre a produção dramática rodrigueana e sua posição política que é ululantemente expressa em sua produção jornalística. Rosa faz uma análise metódica de peças específicas de Rodrigues, *Álbum de família*, *Anjo Negro*, *Senhora dos afogados* e *Dorotéia*, porém busca nas crônicas apenas aspectos sociais e antropológicos que contrastam com a sua fórmula dramática revolucionária ou a justificam, tanto no conteúdo quanto na forma.

No que concerne aos trabalhos acadêmicos dedicados a Sartre, estes, em sua maioria, pertencem ao campo dos Estudos Filosóficos; entretanto, teses de doutoramento e dissertações de mestrado como a de Didier René Dominique Martin, *La réception de Sartre au Brésil dans la revue Anhembi* (2006) – em que analisa a recepção do filósofo francês e seus ideais na revista *Anhembi* – e de Arnaldo Henrique Mayr, *Escrever-se para superar a morte: Jean-Paul Sartre e liberdade n'As palavras* (2007) – trabalho que analisa os aspectos memorialista e autobiográfico na escrita de Sartre como romancista – já abrem precedentes para um maior estudo na área das Letras relacionado a Sartre e seu percurso como ser literário, intelectual, político e mediador cultural.

Faz-se necessário, então, o estudo e análise dessas crônicas, pois, como em outras manifestações do gênero, “[...] por baixo delas há sempre muita riqueza para o leitor explorar. [...] por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem, mais do que um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo dia (CANDIDO, 1992, p. 19).

Ao debruçar-se sobre as crônicas de Nelson Rodrigues, o trabalho aqui realizado coincide com os trabalhos acima descritos. Entretanto, encontra sua singularidade no momento em que trata das crônicas como protagonistas da análise literária, bem como tem seu foco, não na produção futebolística ou esportiva de Nelson – ainda que essas sejam exemplos de sua

expressividade enquanto artista e formador de opinião – mas em suas “confissões” para o jornal *O Globo*, publicadas entre dezembro de 1967 e outubro de 1968, algumas delas reunidas e publicadas mais tarde nas antologias *O óbvio ululante* e *A cabra vadia*.

Além disso, têm-se como objetivo uma análise que busque compreender a presença constante de outro pensador, Jean-Paul Sartre, tomando como objeto uma faceta da obra de Nelson Rodrigues pouco explorada em pesquisas acadêmicas, ao mesmo tempo em que investiga dentro da área das Letras aspectos da obra Sartriana – obra, até então, majoritariamente analisada em estudos pertencentes ao campo da Filosofia.

Ruy Castro reuniu algumas das “Confissões” publicadas entre os anos de 1967 e 1968; ao todo, foram selecionadas e publicadas 160 crônicas, divididas entre os volumes intitulados *A cabra vadia* e *O óbvio ululante*, entretanto para realização deste trabalho de investigação – ainda que obedecendo ao recorte temporal feito por Castro – foi necessário ir além das antologias. Assim, buscou-se leitura destas “confissões” em suas publicações originais, ou seja, na coluna “As Confissões de Nelson Rodrigues” publicada no jornal *O Globo*. Para tanto, contou-se com o auxílio do acervo³ online do jornal carioca.

O acervo do jornal conta com as edições digitalizadas do periódico desde o ano 1925 e foi de suma importância para a realização da derradeira etapa desta dissertação, pois além do material composto pelas crônicas selecionadas em 1993 para *O óbvio ululante* e em 1995 para *A cabra vadia*, contou-se com a adição de mais 163 crônicas ao corpus deste trabalho. Tendo isso em vista, logo após a defesa deste trabalho e obtenção de título, têm-se o projeto futuro de uma publicação destas crônicas inéditas em uma edição crítica, comentada e contextualizada.

Imprescindível para a realização deste trabalho foi também o estágio de pesquisa realizado no Departamento de Literatura Comparada da Universidade Paris-Sorbonne, em Paris, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2019. O estágio se constituiu em uma pesquisa bibliográfica de materiais originais relacionados ao autor e filósofo Jean-Paul Sartre, além de outras publicações de sua autoria, e foi orientado e supervisionado pelo Professor Doutor Jean-François Louette, professor do departamento de Literatura Comparada da Faculté de Lettres da Universidade Paris-Sorbonne e especialista na obra literária e biográfica de Sartre. Foi realizado um estudo direcionado em relação a Sartre e à figura do intelectual no século XX, a partir de uma bibliografia selecionada e sugerida pelo professor, disponível na Biblioteca Ascoli-Hazard, espaço que se manteve disponível para consulta e estudos durante todo o período do estágio.

³ <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=19601968>.

Todo esse material tornou possível o trabalho de pesquisa e análise que tem como um de seus principais resultados esta dissertação de mestrado.

A dissertação se desenvolve em três capítulos: o capítulo primeiro, intitulado “Botânica: origens e características da crônica como gênero literário”, possui como foco as análises estrutural e histórica do gênero crônica, com intuito de justificar seu estatuto de gênero literário e sua relação com o *chronos*. O subcapítulo 1.1 “(rés) de chão: origens e características da crônica como gênero literário” traça um panorama histórico do gênero desde seus primórdios até suas acepções mais modernas (séc. XX). Para tanto, contou com o auxílio teórico de Arrigucci (1987); Moisés (2007); Galvani (2005) e Nejar (2007). Em 1.1.1 e 1.1.2, há a continuidade dos temas anteriores, entretanto, conta-se com o aprofundamento teórico no que diz respeito à íntima relação que a crônica possui com a imprensa, bem como – à luz dos escritos de Meyer (1998); Candido (1987) e Granja (2012) – às contribuições acerca da transformação e aclimação pelas quais o gênero passou ao chegar ao Brasil.

No subcapítulo “Semente híbrida: discurso e literariedade”, uma análise estrutural e discursiva do gênero, a partir de exemplos retirados do corpus elencado, busca identificar e justificar a complexidade na elaboração discursiva da crônica como gênero literário complexo e completo, a partir das teorias sobre os gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin (2003) e (1988). Em 1.2.1, “gêneros dentro do gênero”, ainda sob a teoria de Bakhtin, analisa-se a presença e a correlação existente entre crônica e diferentes gêneros literários dentro de sua estrutura estilístico-discursiva.

Em “O fruto e a flor: a crônica e(m) Nelson”, subcapítulo seguinte, busca-se elucidar de que forma o gênero se desenvolve na escrita de Rodrigues, a partir da análise de aspectos literários, conteudísticos e discursivos presentes nas crônicas de O óbvio ululante. A partir das teorias de Brait (1996); Duarte (2006) e Hutcheon (2000), em “Literariedade, ironia e tempo”, 1.2.1, complementa-se o capítulo anterior no que diz respeito às características do gênero em Nelson Rodrigues, porém, ressaltando, analisando e justificando a ironia presente em suas crônicas, como ferramenta de reação ao tempo, bem como de elaboração estilística e literária.

O segundo capítulo busca, à luz dos Estudos Intertextuais e do campo da Mediação e Transferência Culturais, analisar e justificar a presença de Jean-Paul Sartre nas crônicas de Nelson Rodrigues, bem como a recepção e assimilação de seus ideais de literatura e arte engajadas pela classe intelectual brasileira. Em “Transferências Culturais: o intelectual mediador no Brasil”, subcapítulo 2.1, apresenta-se de forma breve a trajetória de Jean-Paul Sartre, a partir de suas ações como intelectual engajado, no intuito de analisar sua ação como

mediador cultural, a partir da teoria de Gruzinski (1994) e Fonseca (2003), em prol da difusão de seus ideais para a arte e a literatura, em especial, durante sua visita ao Brasil no ano de 1960.

No subcapítulo 2.2, “Diálogos e prática de intertextualidade: Rodrigues pós-Sartre”, faz-se uma análise da presença de Sartre e de seus ideais dentro de suas primeiras “confissões”, através de práticas de intertextualidade e referências alusivas, de acordo com as teorias de Kristeva (1969); Genette (2010); Samoyault (2008) e Authier-Revuz (2007). O item 2.3 “Sobre comunidades temáticas: “é assunto que leva o cronista””, possui como intuito introduzir o terceiro e último, para tanto, utiliza a teoria de Yves Chevrel (2006) acerca da comparação temática entre autores.

O terceiro e último capítulo deste trabalho, por sua vez, possui como empreitada a análise das crônicas com foco nas obsessões do cronista confessor, mais necessariamente aquelas supracitadas – a classe intelectual, as esquadras e arte e literatura engajadas – relacionando e comparando o tratamento dado por Rodrigues a estas obsessões com os ideais do filósofo existencialista em relação às mesmas temáticas. Além de buscar justificar a presença constante do filósofo francês e de sua voz no processo e no resultado da criação jornalístico-literária de Nelson Rodrigues, ressaltando as divergências de pensamento entre estes dois agentes culturais e políticos, bem como pontos de convergência entre ambos, que possam ir além da coincidência temática em suas obras.

Considerações finais

Obsessiva e criativa flor que rejeita a objetividade, Rodrigues passeia pelos fatos históricos do período que observa e vive, como um colibri que coleta néctar das flores. E deste néctar, filtra apenas o que lhe interessa, utilizando o tempo como ferramenta auxiliadora no trato de suas obsessões, sem deixar de lado aspectos que dão a sua produção jornalística *status* de literatura. Prova disto são suas crônicas que, ainda que profundamente ligadas ao *chronos* – que lhes serve de pano de fundo – não apenas recontam uma época, mas refutam ideologias, distribuem metáforas e constroem figuras prosaicas de botequins, palanques e sacadas que o brasileiro, ainda hoje, consegue enxergar no seu dia-a-dia. Ultrapassando, assim o efêmero da página de jornal.

Rodrigues faz mais que denunciar uma classe de intelectuais que se degradara, uma classe de artistas que não mais produzia e esquerdas distantes e burguesas demais para compreender o povo. O autor de *Perdoa-me por me traíres* cria conceitos populares para chagas antigas.

Em suas crônicas, revela-se anticomunista, defensor de liberdades individuais, denunciador das “hipocrisias” e crítico ferrenho de ideologias consideradas progressistas. Mas não o faz de forma panfletária ou pedagógica. Do assunto mais importante à mais simples e pequena obsessão, Rodrigues tece críticas e constrói comentários sobre seu cotidiano, política e cultura e, a partir destes comentários, cria argumentos e concepções que moldam e transmitem seus ideais relacionados àquilo que deveria, para ele, ser o intelectual e a arte em sua época. Para tanto, resgata conceitos através de palavras anteriores que o auxiliam na criação da própria literatura e de conceitos nela presentes como reação aos conceitos e ideologias vigentes.

É esse resgate de conceitos e palavras anteriores que cria a relação intertextual entre o cronista pernambucano e o filósofo parisiense, Jean-Paul Sartre. Seus conceitos – nada objetivos e carregados de leveza, ironia e blague – vão de encontro aos ideais propagados por Sartre através de seus textos, discursos e trabalho como intelectual e mediador cultural pelo mundo.

Para um Brasil que ainda o via como um “dramaturgo obscuro”, vê-lo colocar seu “eu” reacionário em cada “confissão” poderia ser um choque, mas o cronista que havia dentro de Nelson revela em seus textos mais que uma personalidade reacionária, revela uma época, descrevendo-a, desvelando-a e percorrendo-a desde as suas mais íntimas ou partilhadas úlceras até aquilo que provoca o riso – mesmo que desconcertado.

Mas a quem se deve a presença de Sartre em suas “confissões”?

Deve-se à constatação de que falar do intelectual e da arte e literatura engajadas entre a Segunda Guerra e o fim dos anos de 1960 também é, direta ou indiretamente, falar de Sartre e com ele.

O modelo de intelectual no século XX, anterior àquele *específico* foucaultiano, é de Sartre e os modelos e ideais de Literatura Engajada¹⁵² também. Pois Sartre é aquele que primeiro propõe o “desencastelamento” dos intelectuais desde o *Affaire Dreyfuss*, chamando os membros de uma classe burguesa e de elite para “meterem-se” onde não foram chamados. O intelectual sartriano é aquele que se engaja e participa da História por meio de ações concretas e políticas, isto é, é aquele que se posiciona em relação a uma causa moral – porém não moralizante – e fundada na liberdade não como valor abstrato.

E é este intelectual, que por vezes deixa sua pena de lado, que Rodrigues coloca em pauta em suas crônicas, resgatando-o a partir dos conceitos sartrianos, porém refutando sua legitimidade, alegando “degradação” e “aviltamento” político. É o escritor, o filósofo, o sociólogo e o ator de passeatas e barricadas que recusa a “solidão” de seu campo de conhecimento e se “massifica” perdendo sua individualidade.

A leitura e análise destas crônicas *vis-à-vis* a presença deste intelectual *universal*, bem como os momentos onde o próprio Sartre se faz presente através de menções diretas, revelou uma impossível tomada de lados entre ambos. Ainda que reacionário e conivente com o Regime Militar, o Rodrigues cronista, confessa seu desacordo não apenas com as esquerdas e com uma oposição sem líderes e projetos concretos, mas com seu campo de trabalho, com sua classe, com a arte, com os “poetas sem uma metáfora”. E como intelectual e criador de literatura, utiliza de sua pena para “confessar” tais desafetos.

De certa forma, o próprio cronista, sendo ele alfaiate das palavras, pratica engajamento literário. Ainda que, nos ideais de Sartre, não exista intelectual conservador, Rodrigues utiliza seu traço para defender os ideais em que acreditava. Sem deixar de produzir, utilizava sua pena de forma moral e política – não partidária – logo, neste sentido, acaba por “engajar-se” literariamente, mesmo não dando conta disto.

Como explicitado nos capítulos finais desta dissertação, Rodrigues dentro de suas crônicas, mostra-se preocupado com o texto literário, alegando não se importar se a obra é “reacionária” ou “comunista”, desde que haja qualidade estética. Assim, o engajamento

¹⁵² Fenômeno literário historicamente situado, arcado pela Segunda Guerra e pela Revolução Russa (DENIS, 2000).

“condenado”, pelo confessor, não seria aquele inserido no texto literário, mas aquele que, de certa forma, exige uma tomada de posição efetiva em favor de uma liberdade não abstrata e que, dado o momento histórico e social pelo qual passava o Brasil, exigiu dos artistas e intelectuais que saíssem às ruas pela defesa da democracia.

Mas não é à defesa da democracia que Rodrigues é desfavorável, mas sim, ao intelectual – aquele que depende de um leitor – que ao “meter-se onde é não é chamado” deixa, consequentemente, de produzir.

Sabendo que, para Sartre, Literatura só é possível onde há democracia, os intelectuais que Rodrigues condenava por não produzirem, encaixavam-se, neste sentido no “ideal” de intelectual proposto e vivido pelo filósofo. Bem como, também estavam, efetivamente, defendendo a própria Literatura e a liberdade do ato de produzir.

Assim, tratar criticamente deste tipo de intelectual, de barricadas, palanques e passeatas também é como uma espécie de resposta e protesto contra as ideologias aqui semeadas pelo filósofo parisiense, mesmo passados oito anos desde sua vinda ao Brasil. Logo, sua presença não se limita a menções diretas ao seu nome.

Seu nome aparece como caricatura, como uma personagem que auxilia na construção de uma categoria. Suas menções diretas dentro das crônicas servem de metonímia para o intelectual engajado cujas contradições eram denunciadas na página dois da segunda seção da folha vespertina do jornal *O Globo*.

Dentro das ““confissões””, Sartre é tão símbolo quanto a “grã-fina que leu Marcuse”, os “paus d’águas ideológicos”, quanto “o padre de passeatas”, com a diferença de que sua presença é maior e constante, por consequência das alusões obsessivas às temáticas representadas por estas figuras prosaicas que o acompanham na construção de imagens.

Sartre é personagem de inúmeras narrativas anedóticas, pois é representante de uma classe, por isso seu nome aparece inúmeras vezes no corpus analisado. Porém, como ideia, Sartre se faz presente a cada linha que se escreve relacionada ao engajamento literário, à tomada de posição política, à apologia ao “encastelamento” do intelectual.

A leitura analítica das “confissões” de Nelson Rodrigues” tem o poder de levar o leitor a encontrar em seu texto, a presença constante de Sartre, através do reconhecimento de seus discursos relacionados aos temas abordados. Discursos anteriores dão origem às ideias das quais o cronista discorda, porém, mais que isto, discursos que, ao serem resgatados, são refutados e auxiliam na criação de novos conceitos e ideais, que, mesmo longe de serem objetivos, representam o olhar de um “eu” confessor obsessivo e reacionário, defensor e criador de literatura.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958.
- ALMEIDA, Rodrigo Davi. *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- ALTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Os riscos da alusão*. Trad. de Ana Vaz e Dóris Arruda Carneiro da Cunha. Revista Investigações – Linguística e Teoria Literária. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, v. 20, no. 2, 2007.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *De notícias e não notícias fez-se a crônica: histórias diálogos e divagações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora: 1978
- _____, Carlos Drummond de. “O frívolo cronista”. In: *Boca de Luar*. – 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ARRIGUCCI, Davi Jr. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ARANTES, P.E. Um departamento francês do ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994a.
- ASSIS, Machado. *Crônicas escolhidas*. Org. John Gledson. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- ÁVILA, F.B. Dom Hélder Câmara. In: *Profetas e Profecias numa visão interdisciplinar e contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____, Michail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARBOSA, Sidney. “Huis Clos de Jean-Paul Sartre: o duro olhar do outro”. In: *Rencontres*. São Paulo: Editora PUC - SP, 2005.
- BARROS, Joy Nunes da Silva. *Herbert Marcuse: utopia e dialética da libertação*. 2009. 186 f. Dissertação de Mestrado (Filosofia). Programa de Pós-Graduação Capes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2009.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BEAUVOIR, Simone. *Sob o signo da história*, volume II. Trad. Sergio Milliet. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1965.
- BENDA, Julien. *A Traição dos Intelectuais*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Peixoto Neto, 2007.
- BIANCHI, Alvaro. Sobre o conceito de intelectual. 2016. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br/sobre-o-conceito-de-intelectual/>>. Acesso em: 7 jan. 2018.

- BRUNEL, P. ; PICHOIS, CL.; ROUSSEAU, A. M. Que é literatura comparada. Trad. Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F. *Movimentos Culturais da Juventude* – São Paulo: Moderna, 1990.
- BRUNEL, P.; PICHOIS, C., & ROSSEAU, A.M. – *Que é literatura comparada?* Trad. Célia Berretini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Cronistas e viajantes*. São Paulo: Abril, 1982
- CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: Vol. 5 – Crônicas*. São Paulo: Ática, 1982.
- _____, Antonio. “Literatura comparada”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- CHEVREL, Yves. *Littérature comparée*. 5 ed. Paris: Presses universitaires de France, 2006
- CODATO, Adriano Nervo. O golpe de 1964 e o regime de 1968: aspectos conjunturais e variáveis históricas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 40, p. 11-36, 2004. Editora UFPR
- COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada na América Latina*. (Ensaio). Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- DENIS, Benoît. *Litterature et engagement: de Pascal à Sartre*. Paris: Gallimard, 2000.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e Humor na Literatura*. São Paulo: Alameda, 2006.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GALVANI, Walter. *Crônica: o vôo da águia*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. Cibeles Braga et al. Belo horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

- GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In: *Transferências Culturais: o exemplo do Brasil e da França*. São Paulo: Edusp, 2012.
- GROPPO, L. A. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. Campinas, 2000. 701 f. Tese de Doutorado (Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUESPIN, Louis. Problématique des travaux sur le discours politique. In: *Langages*, 6^e année, n°23, 1971. pp. 3-24.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e Política da Ironia*. Tradução: Júlio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*, Trad. Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 2005.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942.
- MACHADO, Alvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontos, 1989.
- MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Editora PUC – SP, 2000.
- MARTIN, Didier René Dominique Réception de Jean-Paul Sartre au Bresil: dans la revue Anhembi / Didier René Dominique Martin - Porto Alegre, 2006. 214 f
- MASSAUD, Moisés. *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista 1848*. L&PM Pocket, Porto Alegre, 2009.
- MAYR, Arnaldo Henrique. *Escrever-se para superar a morte: Jean-Paul Sartre e liberdade n'As palavras* / Arnaldo Henrique Mayr. -- Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2007. 67f.
- MEDEIROS, João; LAVAU, Jean-Marc. *Réalités françaises et brésiliennes*. Montpellier : Université Paul-Valéry-Montpellier III, 2005. (Langages, cultures et identités).
- MUECKE, Douglas Colin. *Ironia e irônico*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995

- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul: Telos, 2007.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada e história, teoria e crítica*. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- O GLOBO. Acervo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=1960>. Acesso em: 07. Mar. 2017 – 01 jan. 2019.
- O GLOBO. O Globo 80 anos. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/especiais/80anos>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- PRADO, Márcio Roberto. “Os descaminhos da liberdade (ensaio de filosofia e literatura)”. In: *Rencontres*. São Paulo: Editora PUC, 2005.
- PRADO, Décio de Almeida. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual – Introdução à literatura crítica do texto literário*. Coimbra: Almedina, 1981.
- RIVAS, Pierre. - *Encontro entre literaturas. França-Brasil-Portugal*. Trad. coordenada por Durval Ártico e Maria Letícia Guedes Alcoforado. São Paulo: Hucitec, 1995.
- RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia: novas confissões*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2007.
- _____, Nelson. *O óbvio ululante: as primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2007.
- ROSA, Seleste M. *Nelson Rodrigues: o revolucionário reacionário*. 2008. 82 f. Dissertação de Mestrado (Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- ROMANO, Luís Antônio Cantatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.
- SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SARTRE, Jean-Paul. *A conferência de Araraquara*. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: UNESP, 1986.
- _____, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sergio Góes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.
- _____, Jean-Paul. Le Peuple Brésilien sous le feu croisé des bourgeois. In: _____. Situations VIII, “Autour de 68”. Paris: Gallimard, 1972.
- _____, Jean-Paul. *La responsabilité de l'écrivain*. Paris: Verdier, 1998.

- _____, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- _____, Jean-Paul. *Situations, II. Qu'est-ce que la littérature?* Paris: Gallimard, 1948.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2004.
- THÉRENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain (dir.). (2001). *1836, l'an I de l'ère médiatique. Analyse littéraire et historique de la Presse de Girardin*. Paris: Édition Nouveau Monde.
- VAIDERGON, J. *As seis irmãs: as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo – 1957-1964. Alguns subsídios interpretativos para o estudo de ensino superior do estado de São Paulo*. Campinas, 1995. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas.
- VANNUCCI, Karine Claussen. *O Jornalismo de Nelson Rodrigues: a crônica como espaço de intervenção no mundo social*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.
- WARREN, Austin e WELLEK, René. *Teoria da Literatura*. 2. Ed. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa-América, 1955.